

A estratégia de escrita da língua portuguesa por surdos acadêmicos: um estudo comparado entre as identidades linguísticas

Rogers Rocha¹

Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas, RS, Brasil

Isabella Mozzillo²

Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas, RS, Brasil

Resumo: A pesquisa apresenta resultados de um estágio pós-doutoral realizado na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que investigou experiências docentes e produções escritas de alunos surdos na disciplina *Produção da Leitura e da Escrita da Língua Portuguesa como L1 e L2*, do curso de Letras Libras/Literatura Surda. O objetivo foi analisar as produções acadêmicas dos estudantes considerando sua identidade linguística. A metodologia adotada foi a pesquisação, com base teórico-metodológica em Faerch e Kasper (1983), para identificar estratégias de compensação, como transferências interlinguísticas e intralinguísticas. Os resultados indicaram que essas estratégias são mais recorrentes entre surdos sinalizantes, evidenciando que a influência da Libras aumenta na escrita do português conforme o distanciamento do uso da língua portuguesa em interações cotidianas. Quanto menor o contato com o português como língua de interação, maior é a interferência da Libras na escrita em L2.

Palavras-chave: Surdos; Estratégia de Escrita; Língua Portuguesa Escrita para Surdos.

Title: The writing strategy of the portuguese language by deaf academics: a comparative study between linguistic identities

Abstract: The research presents the results of a postdoctoral study conducted at the Federal University of Pelotas (UFPel), which investigated teaching experiences and written productions of deaf students in the course *Reading and Writing Production in Portuguese as L1 and L2*, part of the Letras Libras/Deaf Literature program. The objective was to analyze the academic productions of the students, considering their linguistic identity. The adopted methodology was action research, based on the theoretical framework of Faerch and Kasper (1983), to identify compensation strategies such as interlinguistic and intralinguistic transfers. The results showed that these strategies are more frequent among signing deaf individuals, indicating that the influence of Libras increases in Portuguese writing as the use of Portuguese as a face-to-face interaction language decreases. The less exposure one has to Portuguese as an interaction language, the greater the influence of Libras on writing in L2.

Keywords: Deaf; Writing Strategy; Written Portuguese for the Deaf.

¹ Professor de Língua Portuguesa como L2 para Surdos no curso de Letras Libras/ Literatura Surda da Universidade Federal de Pelotas- UFPel, Pelotas-RS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0927-0862>. E-mail: rogers.rocha89@gmail.com.

² Professora Titular da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8445-9174>. E-mail: isabellamozzillo@gmail.com.

Introdução

A presente pesquisa se refere a uma investigação de estágio pós-doutoral submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras, com pesquisas em Línguas em Contato, da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, a qual pretendeu pesquisar a língua portuguesa por pessoas surdas considerando suas identidades linguísticas.

A pesquisa é uma continuação das investigações acerca de línguas orais escritas pelos surdos desenvolvida na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (dissertação de mestrado) e na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (tese de doutorado).

Por meio da experiência de atuar na educação de surdos desde os anos iniciais do ensino fundamental até o doutorado (Linguística, Tradução), tanto como professor quanto Intérprete Educacional, identifiquei que os surdos possuem diferenças na produção da escrita e na compreensão leitora da língua portuguesa. Uma variável extremamente importante foi perceber que os Surdos Bilíngues Bimodais possuíam mais facilidade na produção e na compreensão do que os Surdos Sinalizantes. Toda essa percepção aconteceu por meio dos meus saberes experienciais (Tardif, 2014) de que a variável relacionada à identidade linguística dos surdos influenciaria na sua relação com a língua portuguesa. Nesse sentido, fiquei imaginando que o processamento da leitura e a aquisição da escrita deveriam ser diferentes, embora ambas as identidades utilizem a Libras como língua de instrução e mediação. Foi a partir daí que me veio o interesse de pesquisar e desenvolver dados científicos para compreender a relação da língua portuguesa como L2 e a identidade linguística dos surdos brasileiros que utilizam a Libras.

A coleta de dados foi feita na disciplina de Produção da Leitura e da Escrita em Língua Portuguesa como L1 e L2, no curso de Letras Libras/Literatura Surda da Universidade Federal de Pelotas, mais especificamente nas produções desenvolvidas pelos alunos surdos acadêmicos.

As produções coletadas foram propostas pelo professor para desenvolvimento da escrita considerando gêneros acadêmicos e focando em aspectos gramaticais como flexão verbal, preposição, conjunção e artigos.

A metodologia de análise foi feita de acordo com a base teórica dos autores Faerch e Kasper (1983) para identificar a presença e a intensidade com que ocorrem as estratégias de compensação, como transferência interlinguística e intralinguística.

Vale ressaltar que foi feita a análise das produções de gêneros acadêmicos (resumos, anotações, exercícios, escrevivência, biografia, autobiografia) com correções da norma culta não como forma de sobreposição do culto, mas como uma nova forma de se compreender a língua portuguesa em contexto acadêmico.

O olhar da análise visa a compreender que a escrita desenvolvida pelo surdo é considerada sua L1, isto é, sua língua natural e que as correções feitas pelo professor não visam a enquadrá-los em um formato, mas a mostrar e desenvolver uma nova perspectiva do contexto universitário e colaborar para a reflexão de sua escrita em desenvolvimento nesse contexto.

Após os destaques do professor, que, neste contexto, é também pesquisador, as análises foram minuciosamente realizadas, sendo identificadas e contabilizadas levando em consideração as estratégias interlinguística e intralinguística.

A hipótese inicial foi a de que as estratégias interlinguística e intralinguística são mais frequentes para Surdos Sinalizantes, ou seja, a influência da Libras aumenta na escrita, e as estratégias da própria língua portuguesa aumentam conforme a identidade linguística da pessoa surda. Quanto mais a pessoa surda se afasta da língua portuguesa enquanto língua de interação face a face, mais ela terá influência das referidas estratégias em uma L2 na modalidade escrita.

Este artigo conta com um breve cunho teórico sobre a primeira língua da pessoa surda e sua identidade linguística, o contexto bilíngue da pessoa surda, a didática integrada das línguas e a estratégia de comunicação. Para uma melhor compreensão, haverá aspectos teóricos, procedimentos metodológicos, resultado e discussões bem como considerações finais.

Primeira língua da pessoa surda e sua identidade

A primeira Língua (L1) da pessoa surda é a Língua de Sinais, pois o princípio do bilinguismo é fornecer à criança um ambiente em que seus interlocutores se comuniquem com ela de uma forma natural, da mesma maneira com que é feito com a criança ouvinte por meio da língua oral. A língua oral ou escrita será ensinada de acordo com os princípios de aprendizado de uma segunda língua ou L2 (Moura; Lodi; Harrison, 1997).

Entende-se L1 (ou LM) como a língua materna e natural do indivíduo, que funciona como meio de socialização familiar e L2 como aquela utilizada pelo falante em função também de contatos linguísticos na família, comunidade ou em escolas bilíngues (papel social e/ou institucional), podendo a L2 ser ou não de uso oficial da sociedade envolvente (Ellis, 1994).

É importante ressaltar que seria muito simplório conceber os termos L1 e L2 em uma perspectiva exclusivamente de ordem, isto é, L1 sendo a primeira língua que falamos e L2 a segunda (Gesser, 2010); por isso, mesmo que um surdo aprenda primeiramente a oralizar a língua portuguesa, esta ainda assim não é considerada sua L1, pois ele precisa passar por processos sistemáticos de aprendizado dessa língua e se comunicar de forma “mecânica”, muitas vezes com dificuldade. Por isso, a Libras sempre será sua L1, por ser natural e espontânea quando o surdo não consegue desenvolver a língua portuguesa simultaneamente também de forma espontânea.

Nesse caminhopelo fato de os surdos utilizarem a Libras como uma L1 independentemente da ordem em que acontece, ela pode também contribuir para a identidade linguística daqueles que a adquirem ou não. Compreendem-s portanto, neste projeto, os surdos de acordo com suas identidades linguísticas. De acordo com Rocha (2022), a identidade linguística dos surdos pode ser compreendida como Surdo Oralizado, Surdo Bilíngue Bimodal e Surdo Sinalizante (monolíngue ou bilíngue).

Os Surdos Oralizados são aqueles que possuem apenas a língua portuguesa como língua de interação face a face, não obtendo a Libras como língua em seu cotidiano. Possuem prática de leitura labial e oralizam para se comunicar, necessitando de práticas fonoaudiológicas. Em sala de aula, o professor precisa articular bem as palavras e não ficar de costas para o aluno quando estiver escrevendo para que ele faça a leitura labial. Sua compreensão das palavras é por meio da leitura labial, e sua produção é por meio da oralização em língua portuguesa. Nesse sentido, é necessário pensar como esse aluno irá interagir sem a presença do Intérprete Educacional. Para acompanhar a leitura labial do professor, o aluno poderá sentir dificuldade, pois o docente se movimentará em sala de aula e muitas vezes falará de costas enquanto escreve no quadro. Muitas falas ao mesmo tempo, em sala de aula, poderão comprometer a compreensão do aluno sobre os assuntos abordados.

Os Surdos Bilíngues Bimodais são os surdos que utilizam duas línguas para interagir, como a língua portuguesa e a Libras. Convivem com surdos e ouvintes, obtendo visão de dois mundos culturais em paralelo. Conseguem relacionar letra e fonema (oroarticulação) no processamento da leitura. Possuem experiência sonora (mundo dos ouvintes) e visual (mundo dos surdos) no seu contexto de vida.

Vale ressaltar que serão considerados o surdo pré-lingual e o pós-lingual. A surdez pré-lingual acontece quando a surdez se apresenta antes de a pessoa adquirir alguma língua, como a Libras ou o português, por exemplo; já a pós-lingual ocorre quando a surdez aparece depois de a pessoa ter adquirido alguma língua.

Pensar sobre alfabetização e letramento para surdos que já são bilíngues ainda é um desafio pelas variáveis envolvidas, como a não existência de uma escrita difundida pela comunidade surda para Libras.

Os Surdos Sinalizantes são aqueles que interagem face a face apenas por meio da Libras. Podem ser até considerados bilíngues, pois muitos compreendem o português na modalidade escrita, mas geralmente têm dificuldade em interagir também nessa modalidade. Os alunos Surdos Sinalizantes têm uma relação específica com a escrita, pois não conseguem relacionar grafema e fonema (no caso, aqui, a oroarticulação), sendo necessário pensar numa estratégia de processamento da leitura e desenvolvimento da escrita nos moldes da rota lexical, e não fonológica. A Libras é sua principal forma de expressão quanto à língua de interação face a face.

Assim sendo, compreendendo a identidade linguística dos surdos, serão considerados, nesta pesquisa, os Surdos Oralizados, Surdos Bilíngues Bimodais e Surdos Sinalizantes, e se entenderá que, para todos, a Libras será considerada a L1, e a língua portuguesa, a L2.

Vale ressaltar que o professor da disciplina de Língua Portuguesa utilizou da didática integrada para atender a todas as diversidades de surdos e ouvintes em sala de aula. Nesse caminho, abordaremos, na próxima seção, a didática integrada.

Contextos do bilinguismo da pessoa surda

Originalmente, a Suécia implementou o bilinguismo com forte apoio estatal, assegurando uma educação bilíngue desde a pré-escola até o término do ensino médio e garantindo que os estudantes que ingressavam na universidade pudessem contar com a presença de um intérprete em sala de aula (Ahlgren, 1990). Em outros países, a aplicação do bilinguismo ocorreu de maneira experimental.

O bilinguismo pode ser compreendido como “a utilização de diferentes línguas (duas ou mais) em variados contextos sociais” (Quadros, 2008, p. 28). Dessa forma, o “bi” no termo “bilinguismo” é questionado, pois, em um sentido mais abrangente, refere-se ao uso de múltiplas línguas, embora o termo “multilíngue” também seja empregado com esse significado (Quadros, 2008). Supõe-se que o ensino bilíngue para a criança surda inclua a Libras e a língua portuguesa; contudo, no Brasil, no contexto das escolas regulares, as crianças surdas têm acesso a disciplinas de diversas línguas estrangeiras (como inglês, espanhol, alemão), aumentando seu contato com uma variedade maior de sistemas linguísticos.

A educação bilíngue para surdos pode ocorrer tanto em escolas bilíngues especializadas quanto em instituições regulares. No primeiro caso, é oferecida por professores qualificados para essa modalidade, e, no segundo, ocorre com o apoio de Intérpretes Educacionais, que colaboram com o professor titular, sempre respeitando a Libras como língua de instrução e primeira língua dos alunos. Metodologicamente, o bilinguismo se apresenta como uma opção tanto nas escolas para surdos quanto nas escolas inclusivas, permitindo que o currículo incorpore as tradições culturais e sociais. Além disso, há a promoção e o incentivo espontâneo ao uso da Língua de Sinais pelos surdos, o que possibilita a sua participação plena tanto na cultura surda quanto na sociedade em geral (Goldfeld, 1997).

Na universidade, segue-se o modelo de bilinguismo a partir da inclusão, em que a presença do Intérprete Educacional é essencial para a manutenção da inclusão e para que, dentro da sala de aula, a pessoa surda compreenda e dialogue sobre os conteúdos ministrados. É a partir desse lugar que a presente pesquisa acontece, por meio da didática integrada ou didática alternada.

Didática integrada das línguas

A didática integrada das línguas está muito pautada no uso do ensino de língua portuguesa como L1 (sobre ouvintes) no ensino de uma L2. É fundamental utilizar como base o sistema linguístico que o aluno já domina. A partir desse conhecimento prévio, é possível aproveitar suas habilidades linguísticas, que estão em desenvolvimento, para estimulá-lo a refletir sobre a linguagem e seu funcionamento. Dessa forma, suas estratégias de aprendizagem podem ser aprimoradas, refinadas e tornadas mais sofisticadas (Moore, 2003).

O contexto do ensino de língua portuguesa na presente investigação foi realizado com alunos surdos e ouvintes que cursavam juntos a disciplina Produção de Leitura e Escrita em Língua Portuguesa como L1 e L2 para surdos, sendo, dos 19 alunos, 7 surdos e 12 ouvintes. Assim, eram utilizadas a Libras e a língua portuguesa oral, porém com a presença do profissional Intérprete Educacional, mais conhecido como Intérprete de Libras.

Os alunos estavam no primeiro semestre do curso, e os ouvintes não sabiam Libras; sendo assim, quando se acessava a Libras, os Intérpretes Educacionais interpretavam para o português oral, e, quando se usava o português oral, os Intérpretes Educacionais interpretavam para a Libras. Essa alternância de línguas foi com objetivo de poder utilizar a língua materna dos surdos com a finalidade de melhor compreenderem o que estava sendo dito, trazendo exemplos e comparando as línguas. Era usada a língua portuguesa oral com a intenção de, em seguida, os ouvintes compreenderem de fato o que se estava querendo dizer.

A presença simultânea de diferentes línguas no currículo e na construção do conhecimento representa, portanto, uma escolha significativa, fundamentada na ideia de que o processo de abstração e generalização – essencial para a formação dos conceitos – é potencializado quando realizado por meio de duas línguas, não apenas de uma (Moore, 2003).

Seguindo essa lógica, podemos dizer que, de acordo com Moore (2003), não necessariamente quando se ensina uma língua estrangeira ou uma L2, isso deverá ser por meio de métodos específicos, como, por exemplo, o método comunicativo.

A alternância consciente entre línguas se fundamenta na realização de atividades capazes de favorecer a transformação dos saberes que o aluno já possui em objetos de reflexão, esclarecendo-os e permitindo que ele aprenda a utilizá-los na compreensão de outros contextos linguísticos. Nesse processo, o desenvolvimento de conhecimentos metalinguísticos não é o objetivo principal, mas sim um recurso que contribui para facilitar a construção de saberes linguísticos, os quais podem ser transferidos de uma língua para outra (Moore, 2003).

Como a aula era ministrada por duas línguas de modalidades diferentes, visto que a Libras é visual-espacial, enquanto a língua portuguesa é oral-auditiva, evitava-se a sobreposição de línguas. De acordo com Sousa e Quadros (2012, p.329), “a sobreposição de línguas é possível somente em casos em que há a presença de línguas de modalidades diferentes – daí o termo bilinguismo intermodal”. Segundo Emmorey *et al.* (2008, p. 44 *apud* Sousa; Quadros, 2012, p.329), ocorre sobreposição de línguas quando “os sinais da ASL³ são produzidos simultaneamente ao inglês falado”. Assim, optou-se por não falar e sinalizar ao mesmo tempo, já que as línguas – aqui, Libras e língua portuguesa – possuem estruturas gramaticais diferentes; assim, o professor não confundia os alunos para quem a fala estava se direcionando. Acessava-se, então, a alternância de línguas com a participação dos Intérpretes Educacionais.

³ American Sign Language.

Sendo assim, a didática integrada, também conhecida como didática da alternância, compreende que

É necessário apoiar-se no sistema linguístico de que o aluno já dispõe, partir do conhecido e aproveitar-se de sua perícia linguística, nova e ainda em fazer de construção, para levá-lo a refletir sobre a linguagem e seu funcionamento, de maneira a afinar, polir e tornar mais complexas as estratégias de aprendizagem postas à sua disposição (Moore, 2003, p. 89).

O professor recorria a Libras, que é a L1 dos surdos, e partia dela para a explicação dos aspectos funcionais e gramaticais da língua portuguesa na modalidade escrita e leitora. Dessa forma, recorreram-se recursos de sua primeira língua como apoio na construção de novas competências. O mesmo era dito na língua portuguesa falada para que os ouvintes acompanhassem. A alternância de línguas fez com que tanto os surdos quanto os ouvintes interagissem na aula. A alternância, nesse caso, era marcada pelo professor e pelos Intérpretes Educacionais, porque nem os surdos nem os ouvintes deixavam de ter acesso à fala do professor.

A alternância foi uma estratégia, visto que o professor poderia acessar somente a Libras ou somente a língua portuguesa oral com a presença do intérprete, mas optou por ela para poder utilizar, além da metalinguagem do uso do português para explicar o próprio português, recursos da Libras para explicar a língua portuguesa – assim, o Intérprete o acompanhava.

A abordagem comunicativa serviu para surdos apenas no processo de leitura e escrita dos gêneros já mencionados, pois, por estes não terem o canal oral e o canal auditivo, não podem acompanhar por meio dessas modalidades. Quando se trata de uma L2 de línguas orais para pessoas ouvintes, a modalidade falada e de escuta são possíveis de serem trabalhadas e, por isso, justifica-se também o uso da Libras nesse contexto.

É importante explicitar, portanto, que o professor de português precisa saber verificar a Libras quando houver aluno surdo (Sinalizante e Bilíngue Bimodal) em sala de aula, mesmo na presença do Intérprete Educacional, pois

A questão da alternância racional das línguas está baseada na execução de atividade suscetíveis de favorecer a passagem para a conceituação de saber que o aluno já tem, de tirá-los da obscuridade, tornando-os objeto de reflexão, e, eventualmente, aprender a apoiar-se neles para a apreensão de outros contextos linguísticos. O desenvolvimento dos conhecimentos metalinguísticos não é aqui o objetivo final do trabalho. Ele deve permitir o estabelecimento de processos de facilitação na construção de saberes linguísticos potencialmente transferíveis de uma língua à outra (Moore, 2003, p. 95-96).

Ao levar em consideração a Língua de Sinais, o professor poderá pensar sobre ela e, a partir dela, trazer exemplos e compor a aula de língua portuguesa. Por isso, é importante não só o professor de língua portuguesa dentro da universidade acessar à Libras, mas também os professores de língua portuguesa das escolas, a fim de poderem conversar com

seus próprios alunos surdos, bem como utilizar a Libras como língua de instrução e trabalhar de forma colaborativa com os Intérpretes Educacionais.

Metodologia de pesquisa

A metodologia da pesquisa apresentará a natureza da pesquisa, a coleta de materiais, os participantes, o objetivo geral e os objetivos específicos.

A natureza da pesquisa

A pesquisa desenvolvida foi um estudo de caso, o qual se refere a uma investigação minuciosa e detalhada de um ou poucos objetos, permitindo um entendimento amplo e aprofundado sobre eles (Yin, 2001). Essa abordagem metodológica é classificada como aplicada, pois busca utilizar conhecimentos teóricos na prática, visando a resolver problemas sociais (Boaventura, 2004). De acordo com Gil (2008), esse tipo de pesquisa prioriza a aplicação imediata do saber em contextos específicos, sem foco principal no desenvolvimento teórico.

O estudo de caso envolve a coleta e a análise de informações sobre um indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, buscando compreender diferentes aspectos de sua realidade, conforme os objetivos da investigação. Essa modalidade pode adotar características qualitativas, quantitativas ou ambas e é definida como uma estratégia de pesquisa que analisa uma unidade específica de maneira aprofundada – seja um sujeito, um grupo ou uma comunidade. Esta pesquisa adotou ambas as características – tanto a qualitativa quanto a quantitativa. Para garantir sua eficácia, são exigidos alguns critérios fundamentais, como rigor metodológico, clareza, inovação e coerência na condução do processo investigativo.

Coleta de materiais

A coleta de materiais aconteceu no ano de 2023, na disciplina Produção da leitura e da Escrita em Língua Portuguesa como L1 e como L2 para Surdos, do curso de Letras Libras/Literatura Surda da Universidade Federal de Pelotas. Os gêneros coletados, como contextualizado na Introdução, foram resumos, anotações, exercícios, escritivência⁴, biografia e autobiografia. A turma foi mista, com alunos surdos e ouvintes no mesmo espaço e com a presença de Intérpretes Educacionais, que contribuíram na mediação da comunicação ora do português para a Libras ora da Libras para o português.

⁴ Gênero desenvolvido por Maria Conceição Evaristo, o qual utiliza personagens para narrar contos a partir de sua realidade e permite a reescritura da própria história brasileira a partir das vozes de pessoas negras.

Os participantes

Os participantes, então, foram quatro alunos surdos: um Sinalizante (pré-lingual⁵), dois Bilíngues Bimodais (pré-lingual) e um Surdo Oralizado (pós-lingual⁶).

Quadro 1 – Participantes da pesquisa

Identificação	Identidade Linguística	Experiência Linguística
A	Surdo Sinalizante	Pré-lingual
B	Surdo Bilíngue Bimodal	Pré-lingual
C	Surdo Bilíngue Bimodal	Pré-lingual
D	Surdo Oralizado	Pós-lingual

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os gêneros escritos pelos surdos durante o semestre foram analisados no ano de 2024 com os seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

- Analisar a produção acadêmica dos alunos surdos na disciplina de Produção da Leitura e da Escrita em Língua Portuguesa como L1 e L2 considerando a identidade linguística de cada participante.

Objetivo Específico:

- Compreender os surdos em uma perspectiva sob a identidade linguística;
- Identificar a transferência interlinguística e intralinguística e sua frequência de acordo com a identidade linguística dos surdos;
- Identificar diferenças e semelhanças na escrita das pessoas surdas considerando a identidade linguística;

⁵ Segundo Moreira (2021), a surdez pré-lingual é aquela que se instala antes da linguagem oral, isto é, a criança nasce surda ou adquire surdez antes de aprender a ler, falar ou entender a fala.

⁶ A Surdez pós-lingual surge quando a pessoa já fala e lê, não se acompanhando praticamente de regressão devido ao suporte da leitura (Oliveira; Castro; Ribeiro, 2002).

Para dar apoio teórico e metodológico no desenvolvimento das análises e alcançar os objetivos, seguiu-se a teoria de estratégia de comunicação de Faerch e Kasper (1983), que será abordada a seguir.

Estratégia de comunicação

As estratégias de comunicação têm como objetivo alcançar o sucesso comunicativo. No aprendizado de uma língua estrangeira, elas são empregadas na fase de execução e abrangem todos os níveis linguísticos, especialmente nos estágios mais avançados, com ênfase no uso do léxico.

Faerch e Kasper (1983) dividem as estratégias de comunicação em segunda língua em duas grandes categorias: as estratégias de redução e as estratégias de realização. Nas estratégias de redução, o falante pode evitar um determinado tópico de conversação, abandonar a mensagem que pretendia transmitir, desistir de usar determinado vocábulo e substituí-lo por outro. Seria resultado de uma atitude de fuga do falante diante de um problema de comunicação, como o desconhecimento de vocabulário ou de estruturas da L2. Já as estratégias de realização são aquelas em que o falante procura uma alternativa para resolver o problema. Ao desconhecer uma estrutura da L2, ele pode, por exemplo, fazer uma tradução literal de sua L1⁷.

Faerch e Kasper (1983) dividem, ainda, as estratégias de realização em dois subtipos: as estratégias de compensação e as estratégias de recuperação⁸. No entanto, assim como vários autores, garante Sousa (2008), eles investiram mais na pesquisa das estratégias de compensação, as quais seriam usadas pelo aprendiz para suprir a escassez de recursos linguísticos e atingir seu objetivo comunicativo. O Quadro 2, a seguir, apresenta uma visão geral das estratégias de realização.

⁷ Quando um ouvinte utiliza Libras como L2 e não sabe o sinal ou estrutura frasal, usa o português literal. Na Libras, para perguntar a idade, utiliza-se a seguinte estrutura: "IDADE VOCÊ?"; mas o ouvinte, ao não saber dessa estrutura, acaba usando a estrutura do português: "QUANTOS ANOS VOCÊ TEM?".

⁸ As estratégias de recuperação "são estratégias não linguísticas as quais se referem ao uso da mímica, da imitação de sons, do uso de desenhos, de gestos, etc. para a resolução de dificuldades na comunicação. O aprendiz, ao tentar recuperar palavras que sabe que estão na sua interlíngua, está utilizando as estratégias de recuperação. Ele apela à semelhança formal ou usa outras línguas para tentar recuperá-la" (Rocha, 2014, p. 50).

Quadro 2 – Estratégias de realização

Categoria	Subtipos
ESTRATÉGIAS DE REALIZAÇÃO	<p>A) Estratégias de compensação:</p> <p>(a) mudança de código</p> <p>(b) transferência interlinguística</p> <p>(c) transferência intralinguística</p> <p>(d) estratégias baseadas na interlíngua:</p> <ul style="list-style-type: none"> – generalização – paráfrase – criação de vocábulos – reestruturação <p>(e) estratégias de cooperação</p> <p>(f) estratégias não-linguísticas</p>
	B) Estratégias de recuperação

Fonte: Quadro extraído da Dissertação de Mestrado – Surdo Brasileiro Escrevendo em Inglês: Uma experiência com Ensino Comunicativo de Línguas Sousa (2008, p. 59).

Foram focalizadas, nesta pesquisa, duas estratégias específicas de compensação: a transferência interlinguística e a transferência intralinguística. A transferência interlinguística ocorre quando o usuário transfere estruturas sintáticas de outra língua para a sua interlíngua. Já a intralinguística é aquela em que há transferência dentro da língua-meta, ou seja, resulta da aprendizagem da língua-meta em si mesma, sem refletir nenhuma interferência da língua materna.

Resultados e discussões

Identificou-se que as estratégias interlinguísticas e intralinguísticas são mais frequentes para Surdos Sinalizantes, ou seja, a influência da Libras aumenta na escrita da língua portuguesa conforme a identidade linguística da pessoa surda, assim como essa variável sobre a identidade linguística influencia as estratégias sobre a própria língua-alvo, que foi a língua portuguesa escrita. Quanto mais a pessoa surda se afasta da língua portuguesa, enquanto língua de interação face a face, mais ela terá influência das referidas estratégias em uma L2 na modalidade escrita, da mesma forma que aumenta as estratégias da própria L2.

Quadro 3 – Estratégias de comunicação

Identidade Linguística	Estratégia Interlinguística	Estratégia Intralinguística
Surdo Sinalizante Pré-lingual	41	66
Surdo Bilíngue Bimodal Pré-lingual	11	03
Surdo Bilíngue Bimodal Pré-lingual	16	04
Surdo Oralizado Pós-lingual	00	00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Entende-se que, conforme a identidade da pessoa surda, seja ela Surda Oralizada, Surda Bilíngue Bimodal ou Surda Sinalizante, a língua portuguesa na modalidade escrita sofrerá alteração com mais ou menos influência da Libras (estratégia interlinguística) e com mais ou menos influência da própria língua-alvo, que é a língua portuguesa (estratégia intralinguística). Vale ressaltar que o participante Surdo Oralizado não obteve nenhuma estratégia, porque é uma pessoa que ficou surda após aprender a língua portuguesa e, mesmo estando em nível básico de Libras, não obteve nenhuma influência dela, tampouco da própria língua portuguesa, pois é sua L1, ou seja, sua língua materna

Nesse sentido, vale destacar que ainda são necessários mais estudos na área, mas que aqui, além de serem levadas em conta as experiências empíricas do pesquisador, foram coletados e analisados materiais de alunos acadêmicos do curso de Letras Libras/Literatura Surda da Universidade Federal de Pelotas, na disciplina de Produção da Leitura e da Escrita em Língua Portuguesa como L1 e L2, que constatou o que era hipótese.

Portanto, parece necessário haver mais investigações acerca da identidade linguística das pessoas surdas e compreender seu reflexo no ensino e, principalmente, sua relação com a língua portuguesa escrita, visto que, neste caso, mostra-se pertinente a reflexão das abordagens de ensino da língua portuguesa considerando a diversidade de alunos surdos.

Considerações finais

A pesquisa de estágio pós-doutoral tentou explicar alguns conceitos sobre o campo de investigação, bem como alguns delineamentos para descrever como foi feita a pesquisa, como aspectos teóricos, procedimentos metodológicos, resultado e discussões bem como considerações finais.

A investigação foi de extrema importância, visto que, além de contribuir para a literatura científica local por haver o curso de Letras Libras/Literatura Surda na UFPEL,

contribuirá, também, a nível nacional por haver cursos de Letras Libras em outras regiões do Brasil e estudos na Pós-Graduação. A maior beneficiada será a comunidade surda, pois quando um professor entende o sujeito surdo na sua singularidade e na sua identidade linguística, entende que o processo de alfabetização e letramento também deve ser levado em conta.

Compreende-se, portanto, que esta pesquisa contribuirá para as práticas de letramento para surdos respeitando a singularidade de cada um, principalmente no que se refere à sua identidade linguística, ao propor que a identidade linguística pode ser uma variável no processamento da escrita.

Referências

- AHLGREN, I. Swedish conditions: sign language in deaf education. In: PRILLWITZ, S.; VOLLHABER, T. (Eds.). *Sign Language Research and Applications*. Hamburg: Signum Press, 1990. p. 91-96.
- BOAVENTURA, E. M. *Metodologia da Pesquisa*: monografia, dissertação e tese. São Paulo: Atlas, 2004.
- ELLIS, R. *The study of second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- FAERCH, C.; KASPER, G. (Orgs.). *Strategies in interlanguage communication*. London: Longman, 1983.
- GESSER, A. *Metodologia de ensino de libras como L2*. 2010. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOLDFELD, M. *A criança surda*. São Paulo: Pexus, 1997.
- MOORE, D. Uma Didática da Alternância para Aprender Melhor? In: PRADO, C.; CUNHA, J. C. (Orgs.). *Língua Materna e Língua Estrangeira na Escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 88-89.
- MOREIRA, L. Surdez pré-lingual. *Portal Otorrino*, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://portalotorrino.com.br/surdez-pre-lingual/>. Acesso em: 20 out. 2025.
- MOURA, M. C.; LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. R. *História e Educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais*. [S. l.: s. n.], 1997.
- OLIVEIRA, P.; FERNANDA, C.; ALMEIDA, R. Rev. Bras. *Otorrinolaringol*, v. 68, n. 3, p. 417-423, 2002. Acesso em: 25 jun de 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-72992002000300019>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rboto/a/3RpTkQJtysX7RYwhbHTfYLn/>. Acesso em: 20 out. 2025
- QUADROS, R. M. O “Bi” em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, E. (Org.). *Surdez e Bilinguismo*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008. p. 26-36.

ROCHA, R. *Estratégia de Escrita por Alunos Surdos no Contexto de Ensino – Aprendizagem de Espanhol como L3*. 2014. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

ROCHA, R. *O Intérprete Educacional no Ensino Fundamental em Disciplinas de Língua Estrangeira no Colégio de Aplicação da UFSC: Cenários e Perspectivas*. 2022. 235 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

SOUSA, A. N. de. *Surdos Brasileiros Escrevendo em Inglês: Uma Experiência com Ensino Comunicativo de Línguas*. 2008. 237 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

SOUSA, A. N.; QUADROS, R. M. de. Uma análise do fenômeno “alternância de línguas” na fala de bilíngues intermodais (Libras e Português). *ReVEL*, v. 10, n. 19, p. 327-346, 2012.

TARDIF, M.. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Recebido em: 08/07/2025.

Aceito em: 17/09/2025.